

Uma economia ao serviço do homem



- conferência
- em Amadora

Fundação Cuidar o Futuro

texto ★
manuscrito

c.f. Huda-a-Vida nº 28

3 Junho 80

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRA MINISTRA

Fundação Cuidar o Futuro

Constatações:

(~250) PS Amadora
(3 Jun)

• ~~Para~~ O h está ao serviço da economia:

- a) — nos planos governamentais
- b) — na forma como se estabelecem as relações de produção
- c) — na compartimentação da pessoa humana em:
 - produtor
 - consumidor
 - velho/jovem
 - morador
- d) — no facto de q̄ a economia se apresenta como uma "lingua-gem" hermetica q̄ só alguns falam

Fundação Cuidar o Futuro



a) Não é a eficácia do sistema ;
é estudado nem os objectivos
mas a atribuição de fundos
e as leis económicas

- como se a economia não fosse
guiada por valores

mas só pelos mecanismos
materialistas (p.e. total/ deter-
ministas) de oferta e de procura;

Fundação Cuidar o Futuro



② A economia orientada p̄o h̄ supõe
alguns direitos económicos básicos.

- o direito inalienável de controlar a realizaç̄ dos objectivos económicos e o serviço à naç̄ como um todo;
- o direito de analisar a eficiência económica: i.e., a disponibilidade em energia e material / horários / serviços sociaes.
- o direito de participar directa / no ciclo produtivo (emprego) e de dar valor ao trabalho realizado, ver a sua capacidade utilizada em novas formas
- a manutenção de preços
- o equilíbrio ecológico



O processo de produção

A proposta tradicional:

— quanto se produz?

— quem ganha e/isso?

("Lucro"

indissociável

da concepção quantitativa)

Objectivo: Fundação Cuidar o Futuro

— o cresci/económico



A custa do "crescimento económico":

- as crianças de 8 anos trabalham nas minas na Inglaterra;
- as ms da indústria electrónica podem após 5 anos 50% capacidade usual

Fundação Cuidar o Futuro



As novas questões situam-se de outro modo:

— o que produzir?

(orientar p. agro-alimentar em vez de sermos os montadores de carros da Europa)

— como produzir?

(as condições de produção: horário, condições materiais, gestão, controle "operário")

— quem "perseguir" a produção?
(autogestão, PME)

— como redistribuir?



É preciso dizer c/ clareza.

Os acomodados do Hem. Norte (países e indivíduos) tudo fazem para travar o movimento de transformação dos conceitos e dos processos exigidos pela instauração da NOEI. São os campeões de um grande jurista de direito internacional chama "o imobilismo tranquilo".

P.enses, os pressupostos da NOEI são ~~da ordem de~~

- românticos
- <> afeitas ao movimento/guerras de populações
- padecem de idealismo e assim por diante.



É esta em muitas vezes a ma-
neira de esconderem as
suas 2 dificuldades:

— deixarem de pertencer
ao "club dos privilegiados"
e ao estatuto q' ele confere;

— ~~deixarem~~ terem como m.^{to}
difícil ou quase impossível
técnica/ a tarefa árdua de en-
contrar novas soluções e novos
caminhos.

Não admira q' o Nic. Haudes
de cooperacy e do des.^{to} tenha
a esse respeito dito o seguinte
em 1977, na reunião do
Club de Roma:

N. 139



• Em 25 Jan 75 7 prêmios Nobel
declararam: (Gunnar Myrdal)

" Nas democracias industriais
avanzadas, as crises económicas
levantam sérias questões of a
natureza dos sistemas econó-
micos nessas sociedades."

Hazel Henderson:

" A economia tornou-se um
substituto do pensamento."

Humanomics:

" Uma explicação tradicional
p.º o facto de a economia não
responder aos seus objectivos
fundamentais tem sido a da
existência de "interesses" indivi-
duais ou de grupos ou partidos
impedindo outra política.



Mas o obstáculo principal reside no facto de a economia nos ser vista como um sistema inte-
grado de seres humanos
pensantes."

- "Estado entrópico" (o q os economistas políticos não querem ver):

- a complexidade e a interdependências atingiram proporções tão incontroláveis e tão gigantescas q os custos de transacção > capacidades produtivas
- % crescente PNB gasto na mediação de conflitos, na refrenação contra o crime, nos custos sociais da produção e do consumo, na coordenação cada vez + burocrática e + cara;



Vectores ao nível do h

1. Manifestação, standardização dos comportamentos
(produtos em série)
2. Compartimentação da vida (trabalho, família, tempos livres)
3. Passividade e dependência
- atrofia do esp. crítico e criador
(países da publicidade)
4. Funcionalização dos espaços
5. Destruição do ambiente natural e cultural
(sacrificam-se florestas e
reunidas.)



IV. Economia ao serviço do h (part IV)

① Princípios

a) direito à satisfação das necessidades básicas

- do h indiv. alim.
- habit.
- saúde

- do h colectivo
(a naç como um todo)

— índice alto de investi/
(a tar o nível de vida)
— controle de tecnologia
(negociações c/ terceiros)

Fundação Cuidar o Futuro



b) autonomia (auto-suficiência individual e colectiva)

- o direito de dominar a ff existência
 - de escolha
 - de decisão
 - de \bar{n} ser 1 n^o

- o direito de cada naç^o de determinar a si ff condições FF/Brquell (ser)
 - s/ dependências desnecessárias
 - s/ modelos impostos por tecnologias ou tipos de cresci/

c) Equilíbrio dos h^o c/ o universo em q^o estão inseridos

Fundação Cuidar o Futuro

- de cada \bar{n} construir o seu espaço / casa / comunidade
- de cada naç^o proteger as suas riquezas naturais
 - Vouga (papel)
 - Parque Geoz (fronteira)



1) A transformação da economia passa pela sua

- a) • reformulação ^{da} ciência.
- subordinação a objectivos humanos.

- b) • reconversão de estruturas no sistema económico ff. dito;
- alargamento de mentalidades através da reflexão, irrinde cultural, sobre objectivos e finalidades

- c) • alteração das perspectivas nos países ricos
- profundas inovações nos países pobres



- 121
- 2) A política económica refõe hoje:
- a análise rigorosa das carências, e dos recursos e o seu confronto
 - o diagnóstico dos malus e não apenas a verificação dos sintomas explícitos do
 - o carácter multidimensional de gg problema localizado e aparente/ rectorial

Fundação Cuidar o Futuro

- 3) Criar uma nova economia exige:
- formular a política de um país em termos prioritários de satisfação das necessidades básicas e de resposta aos direitos sociais, individuais e colectivos;



— descompartmentar as administrações públicas p.º garantir q̄ cada problema seja visto e resolvido no enquadramento amplo em q̄ a p̄p̄ vida o insere;

— conferir aos índices gerais financeiros e aos mecanismos de equilíbrio monetário-financeiro o seu carácter de meios instrumentais e não de finalidades de uma sociedade;

— reformular o p̄p̄ conceito de desenvolvimento
(essencial no plano do NDEI)

Reunião Aj. Peryólez



Ao enunciarem estas questões ligo íntima/ os problemas internos de cada país e o relacionamento entre os Estados.

Falando a este respeito em nome da UNESCO no "colóquio mundial sobre as implicações sociais da NOEI" em Genebra 1976, o dir.-g. da Organização disse:

Fundação Cuidar o Futuro

"a grande empresa do desenvolvimento e a instauração dum NOEI são de hoje em diante inseparáveis e constituem ambas uma perspectiva global que está ao serviço do h e que é obra do h." (148)



E é orientada ainda no contexto da ONU Organização que se dizia em 1975:

4) Tratar-se-á apenas de aspirações
'sem q̄ traduç concreta?

Não. a) Instâncias de reflexã e
investigaç :- Clube de Roma

- Inst. p̄ a Ordem Mundial
- Centro de Estudos Alternativos
- Rede do projecto "Esperança"

b) as instituições mundiais existentes.

Dado o papel desempenhado pelas
Nações Unidas na conquista de inde-
pendência e grande maioria dos
países do mundo, é natural q̄ a
elas seja pedido o esforço institucional
e a autoridade moral p̄ a
edificaç do projecto mundial
q̄ se impõe.



7

Tal é, entre outras, a opinião da comissão Brandt querendo que se façam "sérias e urgentes consultas" de modo a "criar um ambiente de negociação mais produtivo sob a égide das Nações Unidas" (26).

Tal foi também a opinião unânime dos países não-alinhados na reunião de Havana, 7.^{do} de referiram à "necessidade de negociações globais com uma agenda de prioridades" (26).

Trata-se de tornar efectiva a solidariedade entre os hs. Há quem dê a esta afirmação o rótulo de "resposta populista às aspirações generosas do povo". Acertado, por isso, redobradamente, o tema!



Primeiro, invocando todas as tribunas - institucionalizadas ou ad hoc - onde se discute, pensa e planeia uma alternativa viável p.º ano 2.000.

Cito ainda a UNESCO:

"... Não será a altura de nos inspirarmos de uma certa modestia, de uma cabedoria q̄ foi muitas vezes afanágio dos nossos antepassados e q̄ poderia constituir a base de uma nova moral ?...

Fundação Cuidar o Futuro



P.º provocar o despertar de uma consciência moral, sobretudo nos países alta/ industrializados, cujo consumo abusivo dos recursos acelera, no mundo inteiro, a destruição de tudo o q̄ representa a vida ... é preciso tentar ultra-

9
pensar o estídio de um pensamento
utilitarista a curto prazo e conceber
uma fraternidade, uma solidariedade
universais no sentido + autêntico
do termo." (27)

Cito o insuspeito director do FMI
q̄ na sessão de Julho do ano
passado dizia perante o ECOSOC:

"Nenhum argumento válido
pode hoje justificar as barreiras
suplementares, explícitas ou dis-
farçadas, impostas nos últimos
anos por numerosos países industria-
lizados às importações de produtos
manufacturados vindos do mundo
não-industrializado". (12)



Cito ainda, do relatório de comissão¹⁰
Brandt a pergunta dramática e insis-
tente:

"O que é que limita a n/ resposta ao
desafio posto por uma situação mun-
dial de que depende o destino da
humanidade? Não são em 1.^o
lugar as soluções técnicas que nos são
já largas familiares mas a não-exis-
tência dum reconhecimento claro e
generalizado das realidades e perigos
e a ausência de vontade política
para fazer face e executar a
acção correctiva necessária. Só será
possível pôr em marcha as soluções
necessárias quando existir espírito
de solidariedade baseado no respeito
pelo indivíduo e pelo bem comum."

É preciso, pois, caminhar fi-a solidariedade como conceito a codificar institucional e jurídica.

Hoje, o factor ético ~~moral~~ volta, na espiral q̄ e' a evoluç da humanidade, a ter papel de decisivo como o teve na concepç helénica.

A moral é o único motor possível da transformaç radical d' desordem existente no mundo.

Fundação Cuidar o Futuro

A ética ~~torna-se~~ das relações dos hs entre si, às coisas e aos factos torna-se assim o critério aferidor da legitimidade das decisões técnicas e, e especial, económicas.



12

Não admira, por isso, q̄ na introdução
q̄ faz ao relatório N/S, Willy Brandt
diga clara:

"A paz é objectivo de todas as
religiões, uenças, filosofias. É o
gr.^{de} desejo de todas as raças, nações
e credos. Serão então impossível
buscar nesse desejo a paixão
comum pela paz como a grande
força moral e afectiva de
os
os/iniciativas?" (12)



③ Relação entre as g.^{des} questões planetárias e a n.ª vida concreta

• do ponto de vista dos conceitos, é possível uma política económica

moderna e dinâmica

que não tenha em linha de conta os factores indicados;

• do ponto de vista dos instrumentos utilizados, é urgente a tradução de tudo isto em formas viáveis de resolver as questões;

• do ponto de vista dos valores, são a sua primazia que determinam a validade de alternativa de uma determinada política.



- Incompreensível q̄ não exista
 um Plano
 - cn como esquema hermetico
 e tecnocrático

- ~~como~~ como caderno de
 encargos a nível nacional
 mas como

- avaliação dos grandes proble
mas intersectoriais,

o definição de sua proble
 mática,

o verificação de sua história
 politico-adminil.,

o estabelecimento dos objectivos

via que resolve,
 determinar do seu custo

- Desdobra / do Plano ^{global}
 em / programa e orçamento /
 anuais



A alternativa de esquerda na
 sociedade portuguesa exige
 q̃ a economia retorne o seu
 lugar de conjunto de objectivos
 e instrumentos
ao serviço do homem.

Quem é realista?
 Não faltará - não falta! -
 quem, situando-se à esquerda,
 defende o "imobilismo tranquilo"
 dos caminhos já conhecidos
 da economia. Classificam estes
 os q̃ tentam desmitificar uma
 economia já o futuro de utópicos
 e românticos.

Fundação Cuidar o Futuro



Ora bem, perante a situação
 do mundo e da economia
 quem é verdadeira realista?
 O q̃ se agarra à tábua de
 Salvações mecanismos conhecidos

76
cidos e acabam por conduzir
uma política económica q̄ não
<> a =/ de oportunidades. hem
a uma distribuiç + justa
ou os q̄ tentam arriscar no
novo, no inédito ~~pt̄ o país~~
sobreviver? /

O mil. holandês de coopera-
ç̄o des. ^{to} Jan Pronk diz numa reunião
do Clube de Roma:

Fundação Cuidar o Futuro
"Aqueles q̄ dizem: "não vão
depressa demais, não sejam
demasiado ambiciosos, o q̄ fuerem
não tem vitória lida, sejam
pragmáticos, não criem decepções",
esses q̄ dizem tudo isso
procuram pretextos,
abrigam por trás de argumentos
q̄ parecem racionais,



17
esforçamos - e inconscientemente por
atrasar a radical transformação
da economia já recessiva e
essa transformação se faça
em detrimento do grupo de
poderes a que afinal pertencem."

Fundação Cuidar o Futuro

